Nova Castro: tragedia

João Baptista Gomes Júnior



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Nova Castro: tragedia

João Baptista Gomes Júnior

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano. (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

[Gravura representando Inês de Castro, acompanhada pelos filhos, prostrada aos pés de D. Afonso V.]

Eis, ó Senhor, os filhos de teu filho.
Que vem com tristes lagrimas rogar-te
Que d'esta triste Mãi te compadeças.
Act. IV. Scen. III

NOVA CASTRO,

TRAGEDIA

DE

JOÃO BAPTISTA GOMES JUNIOR.

QUINTA EDIÇÃO

CORRECTA DE MUITOS ERROS, E AUGMENTADA COM A BRILHANTE SCENA

DA

COROAÇÃO.

LISBOA,

Na Impressão Regia. 1830.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

* * * * *

Vende-se na Loja de Livros de João Henriques,

Rua Augusta N.o 1.

ACTORES.

D. AFFONSO IV Rei de Portugal.

D. PEDRO Principe.

D. IGNEZ DE CASTRO.

D. SANCHO Mestre do Principe.

COELHO Conselheiro.

PACHECO Conselheiro.

D. NUNO Camarista do Rei.

O EMBAIXADOR DE CASTELLA.

ELVIRA Aia de D. Ignez.

DOIS MENINOS Filhos de D. Pedro, e D. Ignez.

_A Scena he em Coimbra, n'huma Sala do Palacio, em que reside D.

Ignez._

A Acção começa ao romper do dia.

ACTO I.

SCENA I.

Ignez, e Elvira.

Ign.(1) Sombra implacavel! Pavoroso Espectro! Não me persigas mais... Constança! Eu morro.(2)

(1) _Ignez entra na Scena delirante, e horrorisada._

(2) _Assenta-se desfallecida._

Elv. Que afflição!.. Que delirio!.. Oh Deos! Senhora...

Ign.(3) Onde está... onde está o meu Esposo?...

(3) _Ainda fora de si, e atemorisada._

Elv. O Principe, Senhora, inda repousa,
Tudo jaz em silencio: tu sómente,
Negando-te ao socego, atribulada,
Neste Paço, ululando, errante vagas?
Que dor acerba o coração te rasga?
Que sonhadas visões assim te ancêão?

Ign. Contra Ignez se conspira o Ceo, e a Terra.(4)
Té das campas os mortos se levantão
Para me flagellar: continuamente

Negros fantasmas ante mim voltêão...
Que horror!.. Oh Ceos!.. Agora mesmo, Elvira,
Debuxados na mente inda diviso
Os medonhos espectros, que, girando
Em torno de mim, me assombrárão...
Surgir vejo Constança do sepulchro,
Que em furias abrazada a mim caminha...
Relampagos fuzilão, treme a terra...
Eis-que lá dos abysmos arrojados
Impios Ministros da feroz vingança
No peito agudos ferros vem cravar-me:
Debalde agonisante o Esposo invoco...
Proferido por mim seu doce nome
Exacerba os furores de Constança,
Que á morada dos mortos me arremessa.
Oh do crime funestas consequencias!...
Desgraçados mortaes!

(4) _Levantando-se._

Elv. ..... E póde hum sonho...

Ign. Não he hum sonho, Elvira, são remorsos.

Elv. Devem elles acaso inda ralar-te?
Não bastou Hymenêo a suffoca-los?
Ah! Se antes que os seus laços te cingissem,
Succumbiste do amor á paixão céga,
Assaz tens expiado este delicto,
Delicto mais que todos desculpavel.

Ign. Huma alma como a minha jámais julga
Ter assaz expiado seus delictos:
Embora de Hymenêo os sacros laços
Agora o meu amor licito fação,
Este amor foi no crime começado.
Mirrada de pezares, sim, foi elle,
Quem despenhou Constança no sepulchro,
Constança, essa Princeza desgraçada,
Que, a não ser eu, talvez fosse ditosa,
Talvez, do Esposo amada, inda vivesse;
Eu fui a origem dos seus males todos;
Trahi sua amizade, fui-lhe ingrata,
Sua rival, oh Ceos! assassinei-a.
Oh crime involuntario! Horrendo crime!
Tuas iras são justas, sim, Constança;
Arrasta-me comtigo á sepultura,
Acaba de punir-me, e de vingar-te...
Mas ah! Que digo!.. Não... poupa-me a vida,
Nella a vida do Principe se int'ressa:
Tu não has de querer envenenar-lha:
A morte não, não póde certamente
A paixão extinguir de que morreste;
Mesmo lá do sepulchro inda o adoras...
E talvez compassiva me desculpes.
Quem melhor do que tu conhecer deve,
Que aos affectos de Pedro, aos seus extremos
Humanas forças resistir não podem?
Se tu, sem ser amada, tanto o amaste,

Deixaria eu de ama-lo sendo amada?
Sabe o Ceo quanto tempo em viva guerra,
Contra o meu coração lutei debalde:
Quantas vezes chamando em meu soccorro
A virtude, e a razão... auxilio inutil!
Immudece a razão quando amor falla.
Triunfar de paixões iguaes á minha...
Os miseros mortaes não podem tanto...
Que profiro infeliz? Até blasfemo!...
Perdoa, Summo Deos, ao meu delirio:
A meu pezar, Senhor, fui criminosa;
Porém tua Justiça adoro, e temo.

Elv. O Ceo he justo, Ignez, o Ceo te absolve:
Tua alma, onde morou sempre a virtude,
Tem por graves delictos leves faltas;
Tranquilliza, Senhora, os teus sentidos,
Modera as afflicções.

Ign. ..... Em breve a morte Ás minhas afflicções virá pôr termo.

Elv. Oh Ceos! Na primavera de teus annos,
Engolfada em fataes, loucos pezares,
Tu propria buscas terminar teus dias,
Sem que ao menos te lembres que depende
Da tua vida a vida do Consorte;
Que numa lagrima só que tu derrames,
Se o Principe jámais a divisasse,
Seria de sobejo a envenenar-lhe

O terno coração, que affagar deves!...
Se neste estado agora elle te achasse,
Em que estado sua alma ficaria!
Por seu amor, te rogo, enxuga o pranto,
As afflicções desterra, em que soçobras.

Ign. Oxalá que podesse desterra-las!
Mas buscarei ao menos reprimi-las,
Porque não participe o caro Esposo
Dos males, dos horrores que me cercão.
Embora o Ceo me opprima, e me castigue,
Entorne sobre mim suas vinganças;
Porém sobre elle só prazeres mande:
O seu socego, mais que o meu, desejo:
A fim de lhe mostrar alegre o gesto,
A que esforços me não dou continuamente?
Para o não affligir... ah! Quantas vezes
Calco, suffoco dentro do meu peito
Afflicções, que no peito me não cabem!...
Quantas vezes, sumindo-se a seus olhos,
Dos meus ao coração recúa o pranto!
Mas ah, que os meus pezares, meus martyrios,
Quanto mais os escondo, muais se azédão,
Nem podem já ter fim senão co'a vida.
A qualquer parte, oh Ceos, que os olhos mande,
Motivos d'afflicção sómente encontro.
Do passado a lembrança me horrorisa,
E do futuro a idéa me intimida:

Contra mim conspirada a intriga, a inveja,
Sobranceiras as iras d'hum Monarcha,
Tudo me vai cavando a sepultura:
O coração m'o diz.

Elv. ..... Elle te illude:
Que podes tu temer, quando enlaçada
Ao mais digno dos Principes do Mundo,
Ao melhor dos mortaes que os Ceos formárão,
O seu braço invencivel te defende?
Em vez de recear sonhados males,
Olha os immensos bens, a fausta sorte,
Que propicio futuro te apparelha;
O Lusitano Solio, que te espera;
O respeito, o amor dos Portuguezes,
A gloria de imperar sobre este povo,
A quem teme, e venera o Mundo inteiro...
Tudo, tudo, Senhora, te promette
Permanentes venturas: nada temas.

Ign. Essas mesmas quimericas venturas,
Esses bens illusorios, que me apontas,
Justos motivos são dos meus temores.
Oxalá que D. Pedro não tivesse
Hum Throno por herança que offertar-me!
Então fôra eu feliz, passára a vida
No regaço da paz, e da alegria:
Não haveria então quem se oppozesse
Á perpetua união das nossas almas;

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com